

## **ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR DISCENTES DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: Perspectiva dos Usuários**

**ACTIVITIES DEVELOPED BY STUDENTS OF THE OCCUPATIONAL THERAPY COURSE IN PRIMARY CARE: Users' Perspective**

**ACTIVIDADES DESARROLLADAS POR LOS ESTUDIANTES DEL CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL EN ATENCIÓN PRIMARIA: Perspectiva De Los Usuarios**

Mara Cristina Ribeiro<sup>1</sup>  
Amanda Karol da Silva Generino<sup>2</sup>  
Sergio Seiji Aragaki<sup>3</sup>  
Aline Gabriela Silva Santos<sup>4</sup>  
Bárbara Patrícia da Silva Lima<sup>5</sup>  
Emanuele Mariano de Souza Santos<sup>6</sup>  
Thiago José Matos Rocha<sup>7</sup>  
Kristiana Cerqueira Mousinho<sup>8</sup>

**RESUMO:** As equipes de Núcleos de Apoio à Saúde da Família desenvolvem diferentes estratégias para um cuidado mais integral à saúde dos usuários do Sistema Único de Saúde. Este artigo tem como objetivo colaborar na identificação e descrição de atividades desenvolvidas por discentes de terapia ocupacional nas equipes e-Multi, na perspectiva dos usuários. O embasamento teórico que alicerça o estudo foi o Método Terapia Ocupacional Dinâmica. Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter exploratório com a realização de três grupos focais, totalizando 24 participantes, que mantiveram assiduidade nos grupos de atividades desenvolvidos por estudantes no período de, no mínimo, um ano. Para análise das informações, foram realizadas transcrições sequenciais, transcrições integrais e construção de mapas dialógicos, utilizando-se dos temas/categorias identificadas. A partir das falas dos usuários, as atividades foram identificadas e discriminadas em: atividades de educação em saúde, atividades de estimulação cognitiva; atividades comemorativas; atividades externas; práticas corporais e oficinas terapêuticas. Considera-se que a identificação e descrição das atividades terapêuticas ocupacionais desenvolvidas pelos estagiários, a partir dos discursos dos usuários, podem auxiliar no planejamento da prática discente e construção de objetivos mais claros na intervenção terapêutica ocupacional.

**Palavras-chaves:** Núcleo de Apoio à Saúde da Família, Atenção Primária em Saúde, Terapia Ocupacional

<sup>1</sup> Contato principal para correspondência editorial. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6963-8158>  
E-mail: [mara.ribeiro@uncisal.edu.br](mailto:mara.ribeiro@uncisal.edu.br)

<sup>2</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7180-6437>. E-mail: [amandaksg@gmail.com](mailto:amandaksg@gmail.com)

<sup>3</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5100-2933>. E-mail: [sergioaragaki@gmail.com](mailto:sergioaragaki@gmail.com)

<sup>4</sup> ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2946-4303>. E-mail: [aline.gabriela@academico.uncisal.edu.br](mailto:aline.gabriela@academico.uncisal.edu.br)

<sup>5</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1986-8080>. E-mail: [barbara.lima@uncisal.edu.br](mailto:barbara.lima@uncisal.edu.br)

<sup>6</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6130-8979>. E-mail: [emanuele.santos@uncisal.edu.br](mailto:emanuele.santos@uncisal.edu.br)

<sup>7</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5153-6583>. E-mail: [thiago.matos@uncisal.edu.br](mailto:thiago.matos@uncisal.edu.br)

<sup>8</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0985-3336>. E-mail: [kristiana.mousinho@uncisal.edu.br](mailto:kristiana.mousinho@uncisal.edu.br)

**ABSTRACT:** The Family Health Support Center teams develop different strategies for more comprehensive healthcare for users of the Brazilian Unified Health System. This article aims to contribute to identifying and describing activities carried out by occupational therapy students in e-Multi teams, from the users' perspective. The theoretical foundation of the study was the Dynamic Occupational Therapy Method. This is a qualitative, exploratory research involving three focus groups, with a total of 24 participants who consistently attended activity groups developed by students over a minimum period of one year. For data analysis, sequential transcriptions, complete transcriptions, and the construction of dialogical maps were conducted, using the identified themes/categories. Based on the users' statements, the activities were identified and categorized into: health education activities, cognitive stimulation activities, commemorative activities, external activities, body practices, and therapeutic workshops. It is considered that identifying and describing the occupational therapeutic activities developed by the interns, based on the users' feedback, may assist in planning student practice and in setting clearer objectives in occupational therapeutic interventions.

**Keywords:** Family Health Support Center, Primary Health Care, Occupational Therapy

**RESUMEN:** Los equipos de Núcleos de Apoyo a la Salud de la Familia desarrollan diferentes estrategias para una atención más integral a la salud de los usuarios del Sistema Único de Salud. Este artículo tiene como objetivo colaborar en la identificación y descripción de actividades desarrolladas por estudiantes de terapia ocupacional en los equipos e-Multi, desde la perspectiva de los usuarios. La base teórica del estudio fue el Método de Terapia Ocupacional Dinámica. Se trata de una investigación cualitativa de carácter exploratorio con la realización de tres grupos focales, totalizando 24 participantes, quienes mantuvieron asistencia en los grupos de actividades desarrollados por los estudiantes durante un período mínimo de un año. Para el análisis de la información, se realizaron transcripciones secuenciales, transcripciones completas y construcción de mapas dialógicos, utilizando los temas/categorías identificadas. A partir de las declaraciones de los usuarios, las actividades fueron identificadas y clasificadas en: actividades de educación para la salud, actividades de estimulación cognitiva, actividades conmemorativas, actividades externas, prácticas corporales y talleres terapéuticos. Se considera que la identificación y descripción de las actividades terapéuticas ocupacionales desarrolladas por los pasantes, a partir de los discursos de los usuarios, puede ayudar en la planificación de la práctica de los estudiantes y en la construcción de objetivos más claros en la intervención terapéutica ocupacional.

**Palabras clave:** Núcleo de Apoyo a la Salud de la Familia, Atención Primaria en Salud, Terapia Ocupacional

## INTRODUÇÃO

A Atenção Primária à Saúde (APS) envolve ações de promoção, proteção, manutenção da saúde e prevenção de agravos, oferecendo uma atenção integral. A Estratégia Saúde da Família (ESF) foi criada para coordenar a assistência à saúde em territórios definidos, contando com equipes multidisciplinares. O Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) foi implantado para apoiar a ESF e ampliar a capacidade de cuidado. Em 2017, o NASF passou a

se chamar Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (Nasf-AB), com maior foco clínico. Em 2020, o modelo foi atualizado para eNASF-AP, mantendo os objetivos de assistência integrada e ampliada aos usuários, com foco na territorialização e regionalização dos cuidados (BRASIL, 2006; 2008; 2012; 2014; 2017; 2020).

As eNASF-AP são constituídas por equipes multiprofissionais, sendo as composições definidas pelos gestores municipais de acordo com as diretrizes ministeriais (interdisciplinaridade e intersetorialidade; desenvolvimento da territorialização; integralidade do cuidado, participação social, educação popular e promoção da saúde e educação permanente) que identificam o perfil territorial onde as equipes podem ser inseridas, levando em consideração as necessidades da área a ser assistida, o perfil epidemiológico e as condições socioeconômicas da população (BRASIL, 2010).

Desde a formação das eNASF-AP, a terapia ocupacional foi inserida como uma das profissões constituintes da equipe interdisciplinar. A proposta era a de produzir novas formas de atuação em diferentes grupos populacionais, espaços comunitários e domiciliares, oferecendo retaguarda assistencial e suporte técnico-pedagógico, ampliando possibilidades de intervenção com o compartilhamento de ações essenciais que contemplem o coletivo, construindo redes de atenção e cuidados a fim de alcançar a integralidade (Rocha, Paiva & Oliveira, 2012; Lima & Falcão, 2014).

De acordo com Chagas & Andrade (2019), o terapeuta ocupacional executa várias ações na Atenção Básica em Saúde, dentre elas, as atividades em grupo, juntamente com os demais profissionais que compõem a equipe. Assim, esse profissional mantém-se como parte integrante na eNASF-AP e especifica seus objetivos de atuação respaldando suas técnicas e métodos em fundamentos para práticas de promoção à saúde, prevenção de doenças e agravos e para o restabelecimento da saúde.

É importante ressaltar que o que a difere das demais profissões da saúde é o fato de ter como seu objeto de trabalho o desempenho ocupacional das pessoas dentro de seus contextos singulares, ou seja, tem como foco as atividades humanas (Medeiros, 2009).

O eNASF-AP, ao incorporar a atuação do terapeuta ocupacional, contribui para o alcance da integralidade no cuidado à saúde e se constitui como espaço estratégico para a inclusão de atividades curriculares formativas nos serviços de saúde e para a integração ensino-serviço-comunidade.

A realização de estágios curriculares nos serviços de saúde possibilita um trabalho coletivo, pactuado e integrado entre estudantes e professores dos cursos de formação em saúde e os trabalhadores que compõem as equipes. Essa integração ensino-serviço busca,

assim, a melhoria da qualidade da atenção individual e coletiva, a formação profissional, bem como o desenvolvimento e a satisfação dos trabalhadores dos serviços (Brasil, 2010).

Nesse contexto, estudantes de Terapia Ocupacional têm participado das atividades desenvolvidas pelas eNASF-AP e, na experiência de cuidado junto às pessoas usuárias dos serviços de saúde, adquirem conhecimentos fundamentais à formação acadêmica, preparando-se para atuar de forma integrada e efetiva no SUS. A esse respeito, Albuquerque et al. (2008) destacam que o estágio curricular é uma prática cada vez mais frequente, que soma esforços aos das equipes de saúde para ampliar a resolutividade das problemáticas apresentadas pela população usuária, fortalecendo ações de prevenção e promoção da saúde.

No que tange ao estágio curricular, os estudantes são acompanhados por seus preceptores, seguindo o Plano de Estágio Supervisionado de Saúde Coletiva em Terapia Ocupacional da instituição de ensino. Entre suas atribuições, destacam-se: participar do planejamento das ações em conjunto com a equipe interdisciplinar; integrar reuniões de matriciamento realizadas pelo eNASF-AP com as equipes da eSF; colaborar na implantação e/ou implementação de grupos comunitários; elaborar e executar atividades em parceria com outros profissionais, de acordo com objetivos previamente definidos; além de avaliar as ações desenvolvidas.

Dessa forma, a vivência de estudantes de graduação em Terapia Ocupacional na Atenção Primária traduz-se em um aprendizado diversificado, que ultrapassa a dimensão teórica de condutas e procedimentos e se fundamenta, sobretudo, no relacionamento com as pessoas usuárias, inseridas em realidades próprias e com necessidades específicas (Almeida et al., 2012).

Este artigo é fruto de pesquisa realizada no âmbito de um mestrado profissional de uma das autoras, que possibilitou diálogos com usuários acerca de atividades desenvolvidas por terapeutas ocupacionais, com a participação de discentes em duas eNASF-AP de um município do estado de Alagoas. Embora o termo atualmente utilizado seja e-Multi, optou-se por manter a nomenclatura eNASF-AP, em consonância com o período em que a pesquisa foi realizada.

O objetivo deste manuscrito é colaborar na identificação e descrição das atividades desenvolvidas por discentes de Terapia Ocupacional em eNASF-AP, a partir das falas das pessoas usuárias participantes. Pretende-se, assim, contribuir para o aprimoramento das práticas de Terapia Ocupacional realizadas por estudantes e ofertadas à população atendida pelas eNASF-AP.

## LENTEs TEÓRICAS QUE REFERENCIAM O ESTUDO

Compreendendo que a atividade é considerada ferramenta principal de trabalho do terapeuta ocupacional (aqui tomada como objeto deste estudo), ela deve ser proposta de acordo com a demanda e necessidade da pessoa ou grupo assistido, de forma que seja significativa e dentro de uma perspectiva terapêutica. Para isso, ele pode utilizar a atividade de diversas maneiras, envolvendo áreas de lazer, sociabilidade, motora, cognitiva ou outra que venha a ser importante para quem a realizar (Ballarin, 2007).

Com base na afirmativa anterior, os estagiários de terapia ocupacional tiveram a oportunidade de aprimorar a prática das atividades específicas, ao propô-las nos grupos de usuários assistidos pelas equipes de Saúde da Família (eSF) matriciadas pelas eNASF-AP. Desta forma, desenvolveram diferentes atividades, com objetivos diversos, solidificando o aprendizado ao mesmo tempo em que ofereceram aos usuários experiências importantes para a saúde, contribuindo com seus saberes junto aos demais profissionais dentro da noção do apoio matricial em suas dimensões de suporte assistencial e técnico-pedagógico.

Estas atividades se encontram vinculadas a técnicas terapêuticas e, de acordo com Benetton (1994), são construídas pelo terapeuta ocupacional para que permitam a observação e o reconhecimento da subjetivação da ação. Elas devem envolver a comunicação, a elaboração, a associação e outros aspectos relacionados ao fazer terapêutico.

A utilização e conceituação de atividades na obra de Benetton passou por algumas transformações, e a partir do ano de 2000 ganhou uma sustentação teórica própria, atualmente nomeada de Método Terapia Ocupacional Dinâmica - MTOD (Marcolino & Fantinatti, 2014).

O caráter universal das atividades no MTOD é constituído pelo domínio de três funções: terapêutica, educativa e social. Os aspectos terapêuticos e educacionais se encontram conjugados como função terapêutica e ação educativa que, por meio do aprender, ensinar e de realizar atividades, amplia os espaços saudáveis na construção da vida cotidiana. O caráter social é determinado pela inserção social, objetivo final da terapia ocupacional (Benetton & Marcolino, 2013).

Para que fosse possível compreender e teorizar o uso das atividades na prática da terapia ocupacional em eNASF-AP, foram considerados os elementos presentes na obra de Benetton relativas ao uso da atividade, reunidas a partir de Benetton (1994) e Benetton & Marcolino (2013). Assim, foi possível observar que a interação entre os aspectos que constituem o caráter geral proposto pelo MTOD, possibilita que outros aspectos possam emergir e interagir entre si, tais como aspectos físicos, psicológicos e psicodinâmicos.

Dentre as intervenções realizadas pelas equipes eNASF-AP, podemos identificar esses aspectos e o dinamismo descrito pelas autoras, visto que a atividade, dentro da rede de atenção integral, passa a significar um jogo sem regras pré-estabelecidas, compreendidas em sua função e na relação que mantém na tríade terapêutica. Neste contexto da eNASF-AP, a tríade é formada entre o profissional terapeuta ocupacional, o usuário ou o grupo de pessoas e a atividade.

A atividade, em si, não possui qualificação, quantificação ou significados prévios. Esses elementos são atribuídos no decorrer da própria realização, por meio da ação da pessoa que a executa (Benetton, 1994). Assim, é somente a partir da experiência concreta — permeada por aspectos subjetivos, como relações interpessoais, sentimentos e emoções — que a atividade pode ser caracterizada, qualificada e ressignificada.

Nessa perspectiva, a **Figura 1** foi elaborada pelos pesquisadores para evidenciar os elementos que podem compor as atividades, a partir da tríade terapêutica. Tal organização busca facilitar a compreensão e a caracterização das práticas relatadas pelas pessoas usuárias que participaram dos grupos acompanhados pelo eNASF-AP, sob a orientação dos estudantes de Terapia Ocupacional.

**Figura 1.** Elementos constituintes das atividades em terapia ocupacional.

	Terapeuta Ocupacional	Observar Escutar Reter informações Propiciar o <i>setting</i> terapêutico Estimular o fazer
TRÍADE TERAPÊUTICA	Paciente (usuário) Grupo de pessoas	Desejos e Necessidades
	Atividades	Aspectos terapêuticos Aspectos sociais Aspectos educacionais Aspectos físicos Aspectos emocionais Aspectos psicológicos Aspectos psicodinâmicos
ELEMENTOS PARTICIPANTES	<i>Setting</i> e Recursos Terapêuticos	

Fonte: Autores (2019), a partir de Benetton (1994) e Benetton & Marcolino (2013).

São os elementos e esses aspectos constituintes das atividades que dão movimento à tríade terapêutica. Esse dinamismo é produzido e produz um conjunto de sentidos durante a realização de cada atividade, o que o diferencia da análise de atividade, que tem pré-estabelecidos esses sentidos ou significados. Trata-se, portanto, de reconhecer que as atividades contêm diferentes dimensões e que incluem tanto quem dela participa, como se

estabelece e se desenvolve o *setting* e os recursos terapêuticos utilizados (Benetton, 1994; Benetton & Marcolino, 2013).

Para Montezor (2013), *setting* é o local de execução das atividades de grupos terapêuticos e é característico da terapia ocupacional, ao passo que recursos são os materiais que são necessários para o desenvolvimento das atividades, de acordo com Silva (2007).

Essa clareza nos diferentes termos conceituais é importante, porque as formas de atuar com as atividades a partir de uma explicitação de sua compreensão, pode fortalecer a discriminação entre diferentes perspectivas teóricas. E isso, por sua vez, pode fazer com que profissionais não tenham problemas em categorizar as atividades, e conseqüentemente, não leve ao enfraquecimento teórico-científico (Lima, Okuma & Pastore, 2011).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo resultou de uma pesquisa que utilizou abordagem qualitativa de caráter exploratório com a realização de grupos focais, que segundo Brigagão *et al.*, (2014), é uma técnica de pesquisa que utiliza a entrevista em grupo e é baseada na comunicação e na interação. O grupo focal distingue-se de outras técnicas de produção de dados qualitativos por possibilitar a construção de perspectivas individuais e coletivas sobre o fenômeno estudado (Rodrigues *et al.*, 2023).

Compreendendo que os usuários possuem e adquirem conhecimentos importantes para que haja responsabilização no cuidado à saúde durante a interação com equipes eNASF-AP, foi proposta a formação e realização de três grupos focais compostos por usuários(as) que participavam de atividades desenvolvidas por duas eNASF-AP do mesmo município, com a participação dos estagiários do curso de terapia ocupacional.

Segundo a perspectiva teórico-metodológica adotada, a pesquisa não admite a separação entre sujeito e objeto, tampouco entre a produção/ação do pesquisador e a do pesquisado. Assim, não há dados previamente disponíveis para coleta; as informações emergem como coproduções nas práticas discursivas, integrando os significados construídos pelos participantes (Spink, 2010; Spink *et al.*, 2014).

Para a seleção dos participantes dos grupos focais, foram inicialmente consultados os livros de registros das eNASF-AP, que continham as frequências das pessoas que participavam dos grupos e suas respectivas unidades de saúde. Assim, os grupos focais foram divididos e denominados em grupo A, B e C. O Grupo focal A contou com a participação de dez usuários(as), o grupo B com cinco e o C com nove participantes, totalizando vinte e quatro participantes. Esses atenderam aos critérios de inclusão: usuários(as) adultos(as)

acompanhados pelos estudantes em grupos desenvolvidos pelas eNASF-AP que mantiveram assiduidade nos mesmos durante o período de, no mínimo, um ano até a data da pesquisa (ano de 2018). Atendendo aos critérios de exclusão, não participaram os usuários que apresentavam alguma condição de saúde que impedissem a participação ou aqueles assistidos por eNASF-AP onde o estágio contasse com menos de um ano de ocorrência. Cada grupo focal teve duração em média 1h30min.

Foram adotados todos os procedimentos éticos em pesquisa com seres humanos conforme as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos das Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016. Portanto, foi seguido um roteiro semiestruturado, que serviu de base para a formulação de perguntas surgidas ao longo dos discursos e assim permitiu o alcance dos objetivos. As questões abordavam sobre a participação dos estudantes nas atividades em grupos com eNASF-AP; relativas às atividades desenvolvidas, descrição e objetivos das mesmas; fatores que contribuíram para a participação do grupo nas atividades; avaliação das atividades desenvolvidas e sentimentos gerados.

Para análise das informações produzidas no contexto da pesquisa, foram realizadas as transcrições sequenciais, que permitiram entender a dinâmica dos discursos, as negociações dos sentidos e os posicionamentos que aconteceram nos grupos focais, assim como identificar os interlocutores, a sua ordem de fala e os assuntos abordados. Em seguida, foram realizadas as transcrições integrais de todo o material produzido nos grupos focais, onde foram incluídas todas as falas dos participantes, preservando o discurso original produzido no grupo focal. Estas etapas da análise auxiliaram na construção posterior de mapas dialógicos, utilizando-se dos temas/categorias identificadas nas referidas transcrições. Fundamentados por Nascimento, Tavanti & Pereira (2014), estas são ferramentas de análise que permitem dar visibilidade às práticas discursivas e aos sentidos produzidos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com base nas lentes teóricas que deram sustentação ao estudo, foi possível organizar os resultados a partir da compreensão dos usuários relativa às atividades desenvolvidas pelos estudantes de terapia ocupacional; esta organização auxiliou na identificação e denominação das atividades descritas pelos usuários durante a pesquisa, além da categorização temática para a análise dos resultados.

### ***Atividades de terapia ocupacional***

A Terapia Ocupacional envolve a indicação de atividades com propostas que devem estar dentro do contexto, cultura, nível socioeconômico e idade de determinada pessoa e/ou grupo. E a escolha delas exige que se alcance um equilíbrio entre a(s) sua(s) necessidade(s) e interesse(s). É importante que esse(s) interesse(s) esteja(m) relacionado(s) com o grau de conhecimento que ele(s) tem(têm) a respeito de sua(s) patologia(s), necessidades e a relação que estabelece(m) com a(s) sua(s) vida(s) (Silva, 2007).

Nos Grupos de Terapia Ocupacional, a atividade é utilizada como elemento central, tendo por finalidade favorecer processos dialógicos, ampliar potencialidades individuais e coletivas, incentivar experimentações e reflexões, possibilitar a expressão de sentimentos e emoções, fortalecer a construção de vínculos e fomentar a autonomia e a motivação (Ribeiro, 2017).

Assim, nos grupos que contavam com a presença do terapeuta ocupacional e estudantes, os participantes tinham a possibilidade de experimentar várias formas de se relacionar, de interagir consigo e com outros, de vivenciar novas situações relativas ao fazer, dentro da perspectiva de que o fim não é o objetivo mais importante a ser alcançado, mas sim o processo na execução, possibilitando que a ação ganhe um sentido e um significado para quem a realiza (Ballarin, 2007).

Para Rocha, Paiva & Oliveira (2012), as atividades terapêuticas ocupacionais podem acontecer por meio de oficinas para sociabilidade, oficinas artísticas, expressivas, culturais e atividades lúdicas. Essas atividades planejadas objetivam o desempenho ocupacional na vida pessoal e social, na inserção de práticas com abordagem familiar e comunitária, no desempenho de habilidades ocupacionais, na ressignificação de espaços coletivos e de lazer e no fortalecimento de cidadania.

As atividades de terapia ocupacional devem ser preparadas considerando os elementos da tríade terapêutica, e isso inclui o planejamento dos recursos que, para Marcolino & Fantinatti (2014), constituem o *setting* terapêutico. A fala a seguir de um usuário ressalta a importância dos recursos na preparação das atividades a serem desenvolvidas, assim como a capacidade de inventividade e o compromisso com a realização do trabalho, da melhor maneira possível:

A9: [...] Pena que não tem projetor, essas coisas, porque elas não têm esse material, ainda. Mas a gente vê que tem os cartazes feitos com carinho, tudo cortadinho, embaladinho. Todo preparo bem carinhoso, a gente se sente especial.

Essa afirmativa nos leva à reflexão a respeito da existência de dificuldades estruturais e carência de recursos e como estes podem influenciar na assistência prestada. Por isso, é preciso ressaltar que é fundamental que haja materiais disponíveis para o trabalho em terapia

ocupacional. O fato é que não importa a linha teórica, metodológica ou técnica utilizada, sempre será preciso algum tipo de material (Benetton, 1994).

Assim, considerando este embasamento teórico a respeito das atividades de terapia ocupacional e as características presentes nas falas dos usuários, as atividades foram identificadas e discriminadas conforme sua função, objetivos e interação entre os aspectos presentes, tendo como referência o MTOD.

Esta compreensão aproxima-se com as propostas e diretrizes da eNASF-AP quando, através das atividades, há a colaboração do terapeuta ocupacional para o aumento no escopo das ações em saúde considerando o processo de territorialização e regionalização a partir da atenção básica, como prevê o Ministério da Saúde, sendo aplicáveis ao processo de trabalho dentro da APS de forma interprofissional, mas ressaltando a especificidade da terapia ocupacional.

Em estudos realizados por Onório, Silva & Bezerra (2018), apontaram que em ações terapêuticas ocupacionais em grupos, mesmo desenvolvidas e compartilhadas de forma interprofissional, a especificidade da profissão é abordada ao se explorar a atividade como “ferramenta” da prática do terapeuta ocupacional.

Para Salles & Matsukura (2015), a terapia ocupacional se interessa pelas atividades realizadas pelos sujeitos que são desempenhadas na vida cotidiana. É a partir dessas atividades que as pessoas se relacionam entre si, participam do processo produtivo da sociedade, vivenciam a cultura da qual fazem parte e se tornam quem elas são.

Neste estudo, importante ressaltar que as atividades aplicadas nos grupos de usuários assistidos pelas eSF com apoio matricial da eNASF-AP, foram realizadas por estagiários de terapia ocupacional, supervisionadas por profissionais terapeutas ocupacionais e contavam com a participação de outros profissionais de categorias diversas que compõem a eNASF-AP. Tais atividades foram identificadas nas falas dos usuários participantes da pesquisa citada, o que não exclui a existência de outras que podem ser desenvolvidas pela terapia ocupacional neste campo de atuação.

As atividades de terapia ocupacional em eNASF-AP identificadas foram: atividades de educação em saúde, de estimulação cognitiva, comemorativas e externas; práticas corporais e oficinas terapêuticas; as quais serão descritas a seguir:

### ***Atividades de Educação em Saúde***

O Ministério da Saúde considera que a Educação em Saúde é um conjunto de práticas que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os

profissionais e os gestores a fim de alcançar uma atenção de saúde de acordo com suas necessidades (BRASIL, 2006).

Para Pereira & Lima (2008), torna-se possível pensá-la quando há possibilidades de reunir e dispor de recursos para intervir e transformar as condições objetivas de saúde através de atuação individual e coletiva de sujeitos político-sociais, com objetivo de alcançar a saúde como um direito socialmente conquistado.

A educação em saúde pode provocar mudança de comportamentos individuais e coletivos, pois permite que as pessoas conheçam, reflitam e intervenham sobre sua própria realidade (Campos, 2007).

Além disso, essas devem considerar as necessidades e interesses dos usuários, de maneira a tornarem-se significativas para eles, podendo intervir em diversos aspectos, tal como proposto no MTOD (Marcolino & Fantinatti, 2014).

Exemplo de atividade de educação em saúde, pode ser observada nas falas:

A9: A gente aprendeu muita coisa aqui com eles (estudantes). Teve uma turma que trouxe aqui a ABRAZ<sup>9</sup>, outros falaram sobre a demência.

C9: [...] ficava uma reunião muito grande, muita gente aqui... E tinha aquela explicação de como devia se alimentar, se cuidar, não viver triste, procurar local pra ficar alegre.

Assim, as atividades de educação em saúde propostas pelo MTDO, nesse contexto, envolvem a ação de ensinar e aprender para que mudanças e melhorias no cuidado com a saúde ocorram a partir da intervenção da terapia ocupacional, assim como articulações desses aspectos com a realidade vivida (Marcolino & Fantinatti, 2014), tornando a atividade significativa para o usuário que a realiza.

Sob essa perspectiva, é possível observar que os estudantes trouxeram as atividades de educação em saúde expostas nas falas acima, e que consideram os interesses dos usuários para que os temas relativos aos cuidados com a sua saúde sejam significativos e tenham impacto sobre sua vida.

B5: Sim... eu falei que estava em depressão, não foi? Teve uma roda de conversa sobre depressão, que foi muito boa.

A ação educativa mantém uma ligação com a realidade externa e vivida pelo usuário, tornando-a significativa para ele(a). Por isso mostra-se importante que os estudantes

---

<sup>9</sup> Associação Brasileira de Alzheimer, que oferece assistência a cuidadores familiares por meio de grupos de apoio.

aprendam a inserir em suas práticas a educação em saúde voltada para mudanças no estilo de vida e para o enfrentamento do adoecimento da pessoa e da coletividade (Silva *et al.*, 2016).

O exposto acerca das atividades educativas no campo de atuação das eNASF-AP, ganha relevância quando se compreende o que enfatizam Lima & Falcão (2014) apud Brasil (2008a) ao referirem que estas atividades fazem parte das ações no território pela terapia ocupacional, em comum com as equipes de saúde da família, realizando trabalhos educativos, apoiando os grupos e os trabalhos de inclusão social, junto a equipamentos sociais. Portanto, segundo os autores, as práticas da terapia ocupacional em eNASF-AP estão relacionadas à atenção integral à saúde, apresentando maior enfoque na realização de ações preventivas, de promoção e de educação em saúde.

### ***Oficinas Terapêuticas***

Constituem-se em novas práticas, propostas de inserção social que enfatiza o processo construtivo e a criação do novo por meio da produção de acontecimentos, ações ou objetos, possibilitando a reinvenção do cotidiano. São consideradas instrumentos de enriquecimento pessoal, de valorização da expressão, de descoberta e ampliação de possibilidades (Mendonça, 2005).

De acordo com Lima (1997), estas visam produções individuais ou grupais no sentido de possibilitar o acesso a experiências artísticas e criativas e o encontro entre sujeitos.

A9: [...] A última turma (de estudantes) trouxe uma coisa nova, não foi? Trouxe a pintura, a colagem. Isso foi muito bom... a técnica de artesanato, de manipulação.

B5: A oficina das joias eu pouco participei porque eu estava sem óculos e eu não enxergava colocar aquele negocinho dentro do buraco.

Benetton (1994), ressalta que, para a execução das oficinas, é preciso a existência de materiais, estes são importantes porque em terapia ocupacional eles fazem parte do *setting* terapêutico.

C6: Atividade do cartaz a gente trouxe, nós cortamos as florzinhas. A gente cortava, fazia cola e colava; colocava o cordãozinho.

No entanto, elas vão além da técnica ou apenas do uso do material. Produzem efeitos subjetivos e socializantes, ao caminhar no sentido de permitir ao sujeito estabelecer laços de cuidado consigo mesmo, de trabalho e de afetividade com os outros (Mendonça, 2005).

As oficinas terapêuticas trazem também os aspectos terapêuticos que colaboram com a ampliação de espaços saudáveis no cotidiano, conforme afirmam Benetton & Marcolino (2013). Os aspectos terapêuticos podem interagir com os aspectos físicos quando há o

envolvimento, por exemplo, da coordenação motora, com os aspectos psicológicos quando envolvem as emoções e efeitos operativos durante as oficinas, psicodinâmicos quando ocorre a auto-observação e associações, e com os aspectos sociais quando ocorrem as interações e inclusão social.

Para Mendonça (2005), é sob essa perspectiva que atividades das oficinas passam a ser vistas como instrumento de enriquecimento pessoal, de valorização da expressão, de descoberta e ampliação de suas possibilidades. Assim, as oficinas terapêuticas permitem não apenas o envolvimento dos usuários, mas também de quem as propõe.

As oficinas terapêuticas descritas pelos usuários já podiam ser previstas como ações importantes da terapia ocupacional em eNASF-AP. Estudos citados por Cabral e Bregalga (2017) consideram as oficinas como um espaço do fazer criativo, que são utilizadas como um meio para o alcance do bem-estar físico e mental, ao mesmo tempo em que podem favorecer as interações sociais, propiciando aprendizagem e conhecimento.

### ***Atividades de estimulação cognitiva***

A cognição é um processo pessoal e subjetivo pelo qual a pessoa examina, adquire, manipula e julga a informação sensorial recebida do meio. Processos cognitivos são conceituados como habilidades de pensamento, nas quais se incluem as capacidades de concentração, de atenção, de memória e de aprendizagem. Funcionalmente, a cognição provê a pessoa de estratégias para manter ou aumentar a habilidade de resolver problemas e interagir com o meio (Abreu, 2007).

Para Radomski & Davis (2005), o terapeuta ocupacional deve auxiliar a otimizar as funções cognitivas do usuário quando identifica as que estão deficitárias, devendo propor atividades que as estimulem.

Seguem fragmentos de falas de usuários(as) a respeito dessa prática:

A7: Atividade de formar palavras.

B5: Uma atividade pra mente da gente, pra gente se lembrar mais das coisas.

À medida que o usuário passa a realizá-las com mais facilidade, propõe-se aumentar a complexidade dos estímulos e a dificuldade dos exercícios, gerando novos desafios cognitivos.

B2: Na hora da memória lá, que eu ainda esquecia, fiquei mais tempo do que as outras. Mas mesmo assim, a gente começou a rir... e foi bom demais.

As atividades de estimulação cognitiva também promovem a interação entre os participantes, principalmente quando utilizados instrumentos como a atividade musical, visto

que se torna um código comum entre os participantes e traz possibilidades de acolher as singularidades, as experiências e o ritmo que cada um traz para ser coletivizado (Benetton, 1994).

C5: Cantava também: “[...] a vida leva eu [...]” Tudo ela cantava e a gente também cantava. Ela fazia aquela música e depois perguntava se a gente tava percebendo.

Podemos observar que os exemplos trazidos acima, nessa subseção, se referem a atividades que visam ao treino cognitivo, uma vez que permitem identificar algumas palavras-chave relativas à cognição, como “memória”, “formar”, “lembrar” e “perceber”.

Observamos a função terapêutica e ação educativa em atividades como as trazidas nos exemplos, através do aprender, do ensinar e de realizar a atividade em si, exercendo efeitos terapêuticos.

Essas atividades de estimulação cognitiva são inseridas no universo das ações em saúde mental no campo de atuação das eNASF-AP pela terapia ocupacional. Em estudos realizados por Silva & Oliver (2019) constataram que as ações em saúde mental rerepresentaram 72,4% das ações realizadas por terapeutas ocupacionais na Atenção Primária à Saúde. Estes dados fortalecem a importância da aplicação das mesmas no cuidado integral à saúde a fim de melhorar o desempenho e a participação nas atividades cotidianas e comunitárias.

### ***Práticas Corporais***

Para Carvalho (2016), o termo “práticas corporais” refere-se a um conceito em construção, que leva a uma perspectiva de cuidado ampliado, pois integra às abordagens do corpo suas dimensões culturais, sociais, lúdicas, de autoconhecimento e de crítica aos modos de vida contemporâneos. Para o autor, englobam uma diversidade de ações e podem trazer benefícios socioafetivos, como a maior inserção e interação na comunidade, o aumento da autoestima e a diminuição nos níveis de ansiedade e depressão.

B4: Eles (estudantes) contribuem também... a mexer com o corpo, é tão bom. Alegria a gente e assim vai.

As atividades de práticas corporais também podem ser realizadas na terapia ocupacional, e as falas dos usuários trazem algumas características dessas atividades ao descreverem materiais próprios para tal. Além disso, durante a pesquisa, identificam os objetivos que estas práticas promovem além da finalidade de movimentação corporal, quando referem o bem-estar promovido por elas.

A9: Aquele exercício que a gente fez, lembra? Que elas (as estudantes) botaram as madeiras e a gente fez aqueles exercícios com elas (madeiras)?

C5: Colocavam o bambolê pra gente passar por cima. A gente arrodeava, era muito bom.

O dinamismo propiciado na relação entre os elementos constituídos no *setting* terapêutico permite a identificação de vários aspectos nestas atividades de práticas corporais trazidas nos exemplos, como os aspectos físicos, quando envolvem o movimento, sociais quando há interação e inclusão social, e educacionais quando existe o processo de ensinar-aprender.

As atividades de práticas corporais inserem-se na gama de atuação do terapeuta ocupacional no campo das eNASF-AP que tem como objetivo estimular o autocuidado e melhorias nos hábitos de vida. O que está em consonância com Andrade e Falcão (2017) quando afirmam que este profissional, ao utilizar as atividades significativas como recurso, torna possível alcançar a transformação de comportamentos e melhorar a qualidade de vida dos indivíduos assistidos na ESF.

### ***Atividades comemorativas***

Comemorar datas alusivas a determinados eventos faz parte das produções do universo cultural humano. Para Lima (1997), a noção de cultura é central para este campo, pois está ligada à produção de sociabilidade, convivência, encontro com sujeitos e o contato com a comunidade. Podemos observar que as atividades comemorativas foram citadas nas seguintes falas:

A2: ...quando eles (estudantes) vêm participar dos eventos, pra melhorar nossa situação, todo mundo se agrupa, todo mundo conversa, todo mundo interage.

C2: No dia que alguém completar ano, como antes, a gente podia ao aniversariante, a gente podia organizar uma festinha, uma lembrancinha, uma coisa pra ele se sentir bem.

Ainda para Lima (1997), quando se busca interações no processo saúde-doença através de atividades na prática social, há um processo cultural inserido nelas que produz na forma de fazer e de saber fazer. Ainda, na produção de um movimento singular que torna-se apenas uma parte do fazer coletivo, como se fosse uma ponta do *iceberg*.

C6: Também me lembro do São João que a gente veio vestida de quadrilha e a gente brincou aqui; o carnaval também, a gente cantava música de carnaval, elas (estudantes) colocavam a gente pra cantar, cada um cantava uma coisa, uma música de carnaval.

A realização das diversas situações no cuidado permite que os envolvidos compreendam os aspectos da realidade social e cultural. Além disso, são estimulados a desenvolver a iniciativa, a criatividade e a cidadania, ao mesmo tempo em que são trabalhadas ações de prevenção e promoção de saúde, em nível coletivo, utilizando recursos territoriais como

componentes do cuidado em saúde mental (Castro & Maxta, 2010). Desta forma, possibilita-se que os profissionais estejam mais alinhados à humanização do cuidado e a atenção integral à saúde, contemplando as diversas áreas da vida do(a) usuário(a).

Analisando os exemplos trazidos, podemos observar que há o envolvimento de aspectos psicodinâmicos, terapêuticos, sociais e educacionais presentes nessas atividades. Por isso, é importante que os(as) usuários(as) não apenas se permitam participar dessas atividades comemorativas, como também compreendam o que se é produzido a partir desta participação, como o efeito socializante, de envolvimento, aprendizagem sobre o novo e muitas outras características que levam a um “fazer” significativo decorrente da interação de todos esses aspectos.

Sobre este aspecto, Castro, Lima & Nigro (2015), afirmam que atividades como estas, além de saúde, promovem também arte, cultura e eventos, estimulam a participação ativa da população atendida, possibilitam diálogos e trocas entre as experiências, mostrando-se facilitadoras de novas significações das vidas dos sujeitos. Atingindo assim, a integralização no cuidado, como uma das diretrizes na perspectiva de atuação da eNASF-AP.

### ***Atividades externas***

Diferentes aspectos podem caracterizar este tipo de atividade, a depender dos objetivos propostos pela terapia ocupacional, tais como: físicos, terapêuticos, sociais e educacionais.

C2: Eu me lembro também do piquenique que a gente foi fazer na praia, o alongamento na praia. Saímos daqui, veio o ônibus e pegou a gente, foi bom demais.

C6: Lembro uma vez que no tempo de São João, nos levaram para aquela quadrilha, pra assistir a quadrilha de lá. Com todo mundo.

Os exemplos acima também trazem características que levam os usuários a vivenciarem a inserção social com a ampliação de atividades no cotidiano, aumentando os espaços saudáveis, tal como foi descrito por Benetton & Marcolino (2013).

Em relação a esse cuidado à saúde, por meio da interação com o meio social, Lima (1997) afirma que o objetivo é a constituição de complexos de subjetivação. A importância da exploração de territórios pelo sujeito se dá pelo fato de que a circulação por ambientes novos, que não fazem parte do cotidiano, pode significar a ampliação de espaços existenciais e, conseqüentemente, das relações do sujeito com o mundo. Ou seja, aumentam-se as possibilidades de experiências e trocas, e, além disso, a circulação deles pelo território pode funcionar como desencadeador de questionamentos e esclarecimentos sobre temas a respeito dos quais podem ter curiosidade (Scandiuzzi, Maximino & Liberman, 2015).

Portanto, é fundamental que se compreenda e possibilite que o(a) usuário(a) vivencie situações que não façam parte de seu cotidiano, para que seja possível ampliar seus conhecimentos e aumentar as possibilidades de experiências e trocas com diferentes pessoas, mantendo e potencializando sua interação e inserção social.

No contexto da atenção aos cuidados com a saúde na Atenção Primária, estimular a construção de vínculos e a participação sociocultural com a realização de visitas aos eventos culturais da cidade, pode ser um dos papéis do grupo desenvolvido pela terapia ocupacional junto à eNASF-AP. Tais ações permitem que os participantes desenvolvam um novo modo de conhecer a si mesmos, levando-os a novos gestos e formas de relacionar-se por meio do reconhecimento de aspectos corporais e da realização de práticas grupais (Castro *et al.*, 2011).

### **Considerações finais**

As atividades terapêuticas ocupacionais desenvolvidas por estagiários, conforme as percepções dos usuários, desempenham um papel essencial na promoção da saúde, autonomia e inclusão social. Oficinas terapêuticas, atividades comemorativas e externas, práticas corporais e estimulação cognitiva foram identificadas como intervenções eficazes para o desenvolvimento de habilidades ocupacionais e bem-estar dos participantes, seguindo uma abordagem humanizada e integrativa, alinhadas às diretrizes interprofissionais da Atenção Primária à Saúde. Sob supervisão de profissionais, neste caso, do terapeuta ocupacional, essas práticas favorecem a interação social e a cidadania, demonstrando seu impacto positivo na vida dos usuários.

Esses resultados são relevantes, pois auxiliam na compreensão das práticas terapêuticas ocupacionais que podem ser implementadas para os usuários assistidos pelas equipes de Saúde da Família (eSF) e pelas equipes do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Primária (eNASF-AP). Destaca-se, nesse sentido, que o envolvimento de estudantes nessas práticas potencializa uma formação mais alinhada às necessidades dos usuários, do território e, comprometida com as políticas públicas voltadas para a atenção primária. Por fim, recomenda-se a realização de novos estudos para aprofundar o conhecimento e fortalecer a atuação da Terapia Ocupacional no âmbito da eNASF-AP.

### **REFERÊNCIAS**

Abreu, V. P. S. Avaliação da Percepção e da Cognição. (2007). In: Cavalcante, A., & Galvão, C. *Terapia Ocupacional Fundamentação & Prática* (pp. 94-102). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- Albuquerque, V. S.; Gomes, A. P.; Rezende, C. H. A.; Sampaio, M. X.; Dias, O. V.; Lugarinho, L. M. (2008) A integração ensino-serviço no contexto dos processos de mudança na formação superior dos profissionais da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 32, n.3.
- Almeida, F. C. M., Maciel, A. P. P., Bastos, A. R., Barros, F. C., Ibiapina, J. R., Souza, S. M. F., & Araújo, D. P. (2012). Avaliação da Inserção do Estudante na Unidade Básica de Saúde: Visão do Usuário. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 36(1, Suppl. 1), 33-39. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000200005>.
- Andrade A.S; Falcão I.V. (2017) A compreensão de profissionais da atenção primária à saúde sobre as práticas da terapia ocupacional no NASF. *Cad Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos. 2017; 25(1): 33-42. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0779>
- Andrade, L.M.B. Quandt, F.L.; Campos, D.A.; Delziovo, C.R.; Coelho, E.B.S.; Moretti Pires, R.O. (2012) Análise da implantação dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família no interior de Santa Catarina. *Saúde & Transformação Social*, Florianópolis, v. 3, n.1, p. 18-31. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2178-70852012000100005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2178-70852012000100005&script=sci_arttext);
- Ballarin, M. L. G. S. Abordagens Grupais. (2007). In: Cavalcante, A., & Galvão, C. *Terapia Ocupacional Fundamentação & Prática* (pp. 38-43). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Benetton, M. J., & Marcolino, T. Q. (2013). As Atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. *Caderno de Terapia Ocupacional*, 21(3), 645-652. <https://doi.org/10.4322/cto.2013.067>.
- Benetton, M. J. (1994). *Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de Saúde Mental* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas. Recuperado em 19 de junho de 2019, de <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/308292>.
- Brasil. (2006). *Política nacional de atenção básica*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2008a). Portaria GM nº 154, de 24 de janeiro de 2008. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família – Nasf. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, seção 1. Recuperado em 25 de janeiro de 2008, de [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt0154\\_24\\_01\\_2008.html.0020](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt0154_24_01_2008.html.0020)
- Brasil. (2010). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- Brasil. (2014). *Núcleo de Apoio à Saúde da Família- Ferramentas para a gestão e para o trabalho no cotidiano*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde.

- Brasil. (2008). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, seção 1. Recuperado em 24 de maio de 2016, de [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html).
- Brasil. (2017). Portaria GM nº 2436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, seção 1. Recuperado em 22 setembro de 2017 de [http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/19308123/do1-2017-09-22-portaria-n-2-436-de-21-de-setembro-de-2017-19308031](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/19308123/do1-2017-09-22-portaria-n-2-436-de-21-de-setembro-de-2017-19308031).
- Brasil. (2020). Portaria GM nº 99, de 07 de fevereiro de 2020. Redefine registro das Equipes de Atenção Primária e Saúde Mental no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES). *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, seção 1. Recuperado em 11 de fevereiro de 2020 de <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-99-de-7-de-fevereiro-de-2020-242574079>.
- Brigagão, J.I.M. et al. (2014). Como fazemos para trabalhar com a dialogia: a pesquisa com grupos. In: SPINK, M. J. et al. *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (p. 73-96). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Campos, G.W.S. (2007). *Saúde paidéia*. São Paulo: Hucitec.
- Cabral, L.R.S. & Bregalga, M.M. (2017). A atuação da terapia ocupacional na atenção básica à saúde: uma revisão de literatura. *Caderno de Terapia Ocupacional*, 25(1), 179-189. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAR0763>.
- Carvalho, F.F.B. (2016) Práticas Corporais e atividades físicas na atenção Básica do SUS: Ir além da prevenção de doenças crônicas não transmissíveis é preciso. *Movimento*, 22(2), 647-658. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.58174>.
- Castro, E.D., Lima, L.J. C., & Nigro, G.M. (2015). Convivência, trabalho em grupo, formatividade e práticas territoriais na interface arte-saúde-cultura. In: Maximino, V., & Liberman, F. *Grupos e Terapia Ocupacional: Formação, pesquisas e ações*. São Paulo: Summus.
- Castro, E.D., Saito, C.M., Drumond, F.V.F., & Lima, L.J.C. de. (2011). Ateliês de corpo e arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 22(3), 254-262. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i3p254-262>
- Castro, L.M; Maxta, B.S.B. (2010). Práticas territoriais de cuidado em saúde mental: experiências de um centro de atenção psicossocial no município do Rio de Janeiro. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* (Ed. port.) [online]. vol.6, n.1, pp. 1-11. ISSN 1806-6976
- Chagas M.F., Andrade M.F.L.O. (2019) Atuação do terapeuta ocupacional no NASF: reflexões sobre a prática. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro. v.3(4): 569-583.

- Lima, A. C. S. & Falcão, I. V. (2014). A formação do terapeuta ocupacional e seu papel no Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF do Recife, PE. *Caderno de Terapia Ocupacional*, 22(1), 3-14. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.002>.
- Lima, E. M. F. A., Pastore, M. N. & Okuma, D. G. (2011). As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 22(1), 68-75.
- Lima, E. A. (1997). *Clínica e Criação: A utilização de atividades em Instituições de Saúde Mental* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Marcolino, T. Q. & Fantinatti, E. N. (2014). A transformação na utilização e conceituação de atividades na obra de Jô Benetton. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 25 (2), 142-150. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v25i2p142-150>.
- Medeiros, M.H.R. (2009). *Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social*. São Carlos: EdUFSCAR.
- Mendonça, T.C.P. (2005). As Oficinas na Saúde Mental: Relato de Experiência na Internação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25 (4), 626-635.
- Montezor, J. B. (2013). A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental. *Cadernos de Terapia Ocupacional*, 21(3), 529-536. <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2013.055>.
- Nascimento, V.L.V., Tavanti, R.M.T., & Pereira, C.C.Q. (2014) O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. In: Spink, M. J. P. et al. *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Onório J.L.S.; Silva E.M.; Bezerra W.C. (2018) Terapia Ocupacional no núcleo de apoio à saúde da família: um olhar para a especificidade da profissão no contexto interdisciplinar. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro. 2018, v.2(1): 145-166.
- Pereira, I.B., & Lima, J.C.F. (2008). *Dicionário da educação profissional em saúde*. Rio de Janeiro: EPSJU.
- Radomski, M.V., & Davis, E.S. (2005). Otimização das capacidades cognitivas. In: Radomski, M.V., & Trombly, C.A. *Terapia ocupacional para disfunções físicas* (609-627). São Paulo: Santos Livraria.
- Ribeiro, M. C., Chaves, J. B., Silva, R. de C. O., & Pereira, T. de A. (2017). O grupo de terapia ocupacional na saúde mental: a atividade como potencializadora de sociabilidade e protagonismo. *Revista Psicologia & Saberes*, 6(7), 99–113. <https://doi.org/10.3333/ps.v6i7.763>

- Rocha, E. F., Paiva, L.F.A., & Oliveira, R.H. (2012). Terapia ocupacional na Atenção Primária à Saúde: atribuições, ações e tecnologias. *Caderno de Terapia Ocupacional*, 20(3), 351-361.
- Rodrigues, K. L. L., Torres, M. L. R., Santos Júnior, C. J. dos, Silva, J. V. dos S., & Ribeiro, M. C. (2023). Percepção de graduandos sobre as bases integrativas em saúde e a formação interprofissional. *Hygeia - Revista Brasileira De Geografia Médica E Da Saúde*, 19, e1930. <https://doi.org/10.14393/Hygeia1968136>
- Salles, M.M., & Matsukura, T.S. (2015). Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da Terapia Ocupacional na literatura de língua inglesa. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23(1), 197-21
- Scandiuzi, L.B., Maximino, V., & Liberman, F. (2015). Fazer para conhecer: Relatos de um grupo de jovens da região Nordeste de Santos. In: Maximino, V., & Liberman, F. *Grupos e Terapia Ocupacional: Formações, pesquisas e ações*. São Paulo: Summus.
- Silva, S. N. P. (2007). Análise de Atividade. In: Cavalcante, A., & Galvão, C. *Terapia Ocupacional Fundamentação & Prática* (110-124). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Silva R.A.S., Oliver F.C. (2019) Identificação das ações de terapeutas ocupacionais na atenção primária à saúde no Brasil. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro. 2019. v.3(1): 21-36.
- Spink, M. J. P. (2010) *Linguagem e Produção de Sentidos no Cotidiano*. Rio de Janeiro: edição on-line: Esta publicação é parte da Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Spink, M.J.P., Brigagao, J.I.M., Nascimento, V.L.V. & Cordeiro, M.P. (2014) *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro-RJ: Edição virtual. Esta publicação é parte da Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.